

**Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:**

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

# Vivências de lideranças femininas em movimentos sociais: As relações de poder e os impactos na saúde mental

**Experiences of female leaders in social movements: Power relations and impacts on mental health**

**Experiências de mujeres líderes en movimientos sociales: Relaciones de poder y impactos en la salud mental**



**Larissa Nascimento Pinto**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Bahia, Brasil

[larissapintop@gmail.com](mailto:larissapintop@gmail.com)



**Monique Araújo de Medeiros Brito**

Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil

[moniqueamb@id.uff.br](mailto:moniqueamb@id.uff.br)

**Resumo:** O gênero feminino é historicamente alvo de violências e desigualdades, inclusive em espaços como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que luta pela terra e igualdade há 38 anos. Esta pesquisa examina a experiência de lideranças femininas que compõem a regional Baixo Sul do MST na Bahia, e os impactos dessa vivência na sua saúde mental por meio do método da cartografia. As entrevistas realizadas no 34º Encontro Estadual do MST na Bahia apontam que, apesar da paridade de gênero, as mulheres só recentemente têm estado nos espaços de debate, não sendo incomum as múltiplas jornadas de trabalho, por vezes ocasionando o adoecimento físico e mental. As práticas de cuidado incluem

as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), o apoio familiar, comunitário e do setor saúde do movimento. A pesquisa convoca-nos a pensar-fazer COM e PARA as mulheres assentadas, formas de cuidado em saúde que abarquem as suas particularidades de raça, classe, e demais marcadores sociais.

**Palavras-chave:** Lideranças. Movimentos sociais. MST. Mulheres. Saúde mental.

**Abstract:** The female gender has historically been subjected to violence and inequalities, even in spaces like the Landless Workers' Movement (MST), which has been fighting for land and equality for 38 years. This research examines the experiences of female leaders in the Baixo Sul region of the MST in Bahia, and the impacts of these experiences on their mental health using cartographic methods. Interviews conducted at the 34th State Meeting of the MST in Bahia indicate that, despite gender parity, women have only recently entered debate spaces, with a common double work shift leading to physical and mental health issues. Care practices include Integrative and Complementary Health Practices (PICS), along with support from family, community, and the movement's health sector. The research calls us to think and act WITH and FOR the settled women, developing healthcare approaches that address their specific race, class, and other social markers.

**Keywords:** Leadership. Mental health. MST. Social Movements. Women.

**Resumen:** El género femenino ha enfrentado históricamente violencia e inequidades, también dentro del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST), que lucha por la tierra y la igualdad desde hace 38 años. Esta investigación explora la experiencia de las líderes femeninas en la región de Baixo Sul del MST en Bahía y su impacto en la salud mental, utilizando el método de cartografía. Las entrevistas realizadas en el 34º Encuentro Estatal del MST revelan que,

aunque hay paridad de género, las mujeres solo recientemente han accedido a los espacios de debate, enfrentando la doble jornada laboral que afecta su salud física y mental. Las prácticas de cuidado incluyen Prácticas Integrativas y Complementarias en Salud (PICS), y el apoyo familiar, comunitario y del sector salud del movimiento. La investigación destaca la necesidad de desarrollar enfoques de salud que consideren las particularidades de raza, clase y otros marcadores sociales para las mujeres asentadas.

**Palabras clave:** Liderazgo. Movimientos sociales. MST. Mujeres. Salud mental.

*Data de submissão: 31/08/2024*

*Data de aprovação: 19/12/2024*

## Traçando o Caminho

“Sou sem terra sim,  
sou sem terra sei,  
Essa é a identidade mais bonita que ganhei.”  
(Palavra de ordem do MST citada por uma das lideranças)

Como começar a contar histórias? O primeiro questionamento. Como escrever sobre vidas? O segundo. E como fazer dessa escrita/vivência... ciência? Atravessada por muitas perguntas e quase nenhuma resposta, o desejo de fazer uma ciência sensível, que parte do campo<sup>1</sup>, que se (re)constrói no coletivo, parecia impossível desde as primeiras idealizações dessa pesquisa. Os constantes questionamentos, então, transformaram-se na decisão metodológica de bancar o método da Cartografia, implicando-me com a realidade ao igualar o pesquisar ao ato de intervir, constituindo, assim, formas distintas dos percursos tradicionais do fazer ciência (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015).

Entendendo que o pesquisar não apenas retrata, como também estrutura o objeto, os resultados e o próprio pesquisador: como método de pesquisa-intervenção, a cartografia não se constrói a partir de regras preestabelecidas, mas sim no acompanhamento dos processos, comprometendo-se com o sujeito, o pesquisador, o campo e a própria pesquisa ao propor uma

---

<sup>1</sup> Aqui o campo adquirirá dois sentidos: o de campo de pesquisa e o de campo no que se refere ao rural.

política de construção do conhecimento que enfatiza que “não há neutralidade no conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou constata em um discurso cioso das evidências.” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 20). Dessa forma, o sentido dessa pesquisa está no encontro com corpos de mulheres forjadas na luta pela terra e que desejam contar suas histórias.

Toda história parte de algum ponto e a dessa pesquisa não poderia ser diferente. Meu encontro com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) começa como a da grande maioria das pessoas: através dos pré-conceitos amplamente divulgados pela mídia, que muito se propõe a defender os interesses do agronegócio, e pelo senso comum atrelado aos estigmas da criminalização de movimentos sociais, em específico a noção de posse inapropriada da terra. Entretanto, foi na vivência com essa gente de luta, através do Grupo de Extensão Saúde do Campo em Áreas de Reforma Agrária, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que esse encontro tomou corpo de luta e afeto, produzindo, assim, a necessidade de me comprometer ética e politicamente com os corpos das assentadas da regional Baixo Sul da Bahia, sendo neste trabalho em especial com as mulheres.

Mas de onde urge o desejo de escrever COM essas mulheres? Pensar sobre isso me remete imediatamente ao

trabalho de doutorado<sup>2</sup> da minha orientadora, a professora Monique Brito, que despertou em mim o desejo de estruturar em texto as histórias que nos atravessaram nas vivências com o MST, em específico o trabalho que viemos construindo coletivamente junto às assentadas desde a primeira experiência direta com um assentamento. Essas histórias foram compartilhadas em espaços como no meio de um campo de futebol, atrelado tipicamente ao masculino, como também em espaços de produção direta de cuidado, associados ao feminino, por exemplo ao saborearmos os alimentos preparados por mulheres para o coletivo (assentadas, estudantes e professores da UFRB), e ao sermos cuidadas por meio das ervas plantadas no quintal da anciã da comunidade.

Essa escrita, portanto, está assentada em algumas bases teórico-metodológicas, que incluem: a) o pesquisarCOM proposto por Marcia Moraes (2010), referindo-se a um modo de pesquisar **com** e não **sobre**, de forma engajada, situada e que se questiona acerca de que mundos tem produzido; b) a proposição de Monique Brito (2021), que nos convida a lidar com o estranhamento produzido por uma escrita situada, que usa “eu” e “nós” no mesmo texto, que nomeia autoras e autores pelo primeiro nome, para que não os imaginemos apenas como homens

---

<sup>2</sup> BRITO, M. A. de M. (2021). **Retirância-mulher: uma epistemologia nordestina produzidaCOM as extra-vagâncias e assentamentos da vida**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/17459/5/Tese%20-%20Monique%20Ara%C3%BAla%20de%20Medeiros%20Brito%20-%202021%20-%20Completa.pdf>

brancos do norte global; c) uma escrita não colonizada, que entende que a produção de conhecimento e ciência pode acontecer de várias formas e formatos e povoar o mundo com outras histórias, como nos ensinam Marcia Moraes e Alexandra Tsallis (2016).

A partir do encontro com esses saberes e com as entrevistas realizadas com mulheres assentadas, em que as reverberações da luta, das relações de poder e as questões de saúde mental apareceram repetidas vezes, houve o desejo de conhecer os caminhos trilhados por mulheres em cargos de liderança dentro do MST e os impactos desse trabalho na sua saúde mental, entendida aqui na sua forma mais ampliada, considerando os aspectos macro e micropolíticos que interferem a sua produção (Corbanezi, 2023). Dessa forma, nos questionamos que outras contribuições para o movimento, acerca da vivência delas enquanto mulheres, sem-terra e lideranças, poderíamos construir juntas. Assim, mesmo que a busca por igualdade e pela superação dos estigmas e preconceitos intrínsecos à sociedade contemporânea seja uma característica comum a movimentos sociais, o gênero feminino é historicamente alvo de violência e desigualdades em todos os espaços de poder que ocupa, inclusive no MST (Forchesatto, Raquel; Santin, Myrian, 2017).

Nesse sentido, no que se refere ao gênero feminino, desde 1996, existe dentro da estrutura organizativa do movimento o Setor de Gênero, responsável por discutir e construir os significados atrelados a este marcador dentro



das atividades do MST (Forchesatto; Santin, 2017), sendo importante entender como tem se constituído desde então os espaços políticos e de trabalho dentro do movimento e os impactos na saúde mental das mulheres, visto que, segundo a política do Setor, aprovada em 1999, nos itens 04 e 05, o movimento se propõe a garantir a paridade de gênero:

4. Em todas as atividades de formação e capacitação, de todos os setores do MST, assegurar que haja 50% de participação de homens e 50% de mulheres; 5. Garantir que em todos os núcleos de base dos acampamentos e assentamentos tenha um coordenador e uma coordenadora que, de fato, coordene as discussões, estudos e encaminhamentos do núcleo, e que participe de todas as atividades como representante da instância (Setor Nacional de Gênero - MST, 2003, p. 25).

## Pistas Metodológicas

Pensar a trajetória metodológica desta pesquisa é entender que os processos de produção de vida se expressam de maneiras variadas e encontram-se em constante construção. Dessa forma, propusemo-nos a trabalhar com pistas ao invés de regras, visto que, como trazem Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2015, p. 13), “para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos”. Assim, traçamos como primeira pista a ideia de trabalhar a partir da Cartografia, combinando a análise bibliográfica com um questionário

somado à técnica bola de neve, que consiste em construir seus contatos através de cadeias de referência, nas quais as mulheres que já tínhamos vinculação nos apresentaram a outras que desejavam participar do projeto. As entrevistas foram planejadas para serem realizadas de forma on-line, em virtude do contexto da COVID-19 prevalente à época, que nos dificultava a ida a campo, no nosso caso os assentamentos e/ou acampamentos do MST.

A segunda pista surge do desejo de construir o nosso trabalho a partir da teoria da ciência no feminino, que compreende engendrar vínculos por meio dos encontros, dos afetos e dos diversos saberes que transitam pelo campo, e assim romper com a modelagem moderna centrada na ciência positivista (Quadros; Moraes, 2016, p. 6), visto que “historicamente, foram os homens, principalmente brancos, das classes mais altas, em sua maioria europeus e/ou estadunidenses, os autorizados a produzir conhecimento considerado válido, científico” (Brito, 2021, p. 14). Dessa forma, inspiradas no que essas mulheres pesquisadoras têm produzido, utilizaremos nome e sobrenome ao citarmos alguém, possibilitando à imaginação dar rosto a essas pessoas de modo a não nos remeterem limitada e hegemonicamente a uma figura masculina.

Seguindo nesse sentido, este trabalho tem como escolha ética e política utilizar o feminino como flexão de gênero ao longo de todo o texto, exceto quando nos referirmos apenas a homens, visto que este texto é construído POR, COM e A PARTIR da experiência de

mulheres; assim, entendemos que precisamos assumir esse compromisso, visto que

Dizer que fazemos ciência no feminino tem o sentido de afirmar as marcas que nos constituem, marcas que tatuam nossas peles, se inscrevem em nossos corpos, fabricam nossos olhos, afinam nossos ouvidos. Essas marcas não nos furtamos, conhecemos a partir e com elas. (Quadros *et al.*, 2016, p. 6)

Dessa forma, a partir dessas pistas, iniciamos nossa pesquisa por artigos científicos, livros, dissertações e teses entre os meses de novembro de 2021 e fevereiro de 2022 nas plataformas de armazenamento de artigos e trabalhos científicos PEPSIC, Scielo e Google Acadêmico; entretanto não encontramos referências que abordassem concomitantemente questões de gênero, liderança, movimento social e saúde mental, em específico no MST, sendo estas também as palavras-chave utilizadas para buscar na base de dados. Somado a isto, é importantíssimo destacar que priorizamos trabalhos de autoria feminina; entretanto, a quantidade de referenciais teóricos encontrados foram extremamente escassos ou datados de anos anteriores a 2000, visto que inicialmente desejávamos artigos científicos a partir de 2010.

A nossa terceira pista se constitui a partir da dificuldade de encontrar referências que unissem as palavras-chave do nosso trabalho; dessa forma, utilizamos como fonte de busca a Biblioteca da Questão Agrária<sup>3</sup>, disponível no site do MST para qualquer pessoa interessada

<sup>3</sup> Disponível em: <https://mst.org.br/biblioteca-da-questao-agraria/>  
Revista UFG, Goiânia. 2024, v.24: e.24.80364

nas temáticas pertinentes ao movimento. Utilizamos novamente como palavras-chave “gênero, liderança e saúde mental”, aproximando-nos do pesquisarCOM o MST, as mulheres, o campo e a produção de saúde mental nesses espaços, tendo inicialmente uma busca frustrada, mas ao longo de constantes pesquisas, foram disponibilizados uma série de trabalhos na plataforma que conversavam com as temáticas estudadas no nossa pesquisa.

Por conta da pandemia da COVID-19 e a falta inicial de aproximação direta com os corpos que deram vazão a esse trabalho, buscamos formas não-hegemônicas de conhecimento, como entrevistas, vídeos, podcasts, documentários ou até mesmo eventos **online** para buscarmos experienciar o processo de cartografar vidas a partir da experiência de assentadas. Dessa forma, encontramos na plataforma “Youtube” uma série de mini documentários<sup>4</sup>, sendo sua maioria dirigidos e produzidos por mulheres, disponíveis com relatos de trabalhadoras do campo, assentadas do MST e com protagonismo de lideranças relatando suas experiências.

Durante a nossa preparação para as conversas por meio do Google Meet, os caminhos foram abertos: foi divulgada a realização do 34º Encontro Estadual do Movimento Sem Terra na Bahia. Estava ali uma chance de ir

---

<sup>4</sup> Em virtude da quantidade de documentários, escolhemos três para indicar aqui: *As Sementes*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0b2zqiaT8Wc>; *Mulher Sem Terra em Movimento - Por Pamela Oliveira*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o5UsTUagZ7U>; *Mulheres em luta, semeando resistência!*, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=h9\\_HHlvkl4g](https://www.youtube.com/watch?v=h9_HHlvkl4g).

a campo, vivenciar a dinâmica do movimento, reencontrar as mulheres que produziram em mim o desejo para esse trabalho e convidá-las para darmos continuidade a essa jornada. Assim, preparamos um questionário-guia que nos desse liberdade para construir coletivamente o que potencialmente viesse a surgir e fomos a campo “a partir do par experiência/sentido” (Bondía, 2002, p. 168).

## Vivenciando o caminho

Ansiosa e animada, adentrei os portões do Parque de Exposições Agropecuárias de Salvador e de longe já sentia a alegria característica de estar em um espaço com militantes do MST, ainda mais diante do contexto político desanimador que vivenciávamos à época no nosso país. Primeiro vieram as vozes, os burburinhos, as batucadas dos instrumentos, e então as pessoas vestidas com as blusas indicando a qual regional pertenciam e com os tradicionais bonés vermelhos.

De primeira, já encontrei uma companheira que ministrou um curso **online** sobre Educação Popular para as integrantes do grupo de extensão Saúde do Campo em Áreas de Reforma Agrária da UFRB, que imediatamente me apresentou a outras figuras importantes do MST e aliadas, todas muito felizes de estarem vivenciando aquele momento corpo a corpo após dois anos de pandemia, distanciamento social e muitos medos e perdas para todas. A alegria construiu espaço para a esperança ao ouvir as palavras de ordem, a pele arrepiou e os olhos encheram de

lágrimas. Finalmente senti que estava no caminho certo com esse trabalho sendo construído face a face, abraço a abraço, conversa a conversa nos momentos de discussão, no horário de almoço, na caminhada pelos stands ou nos dormitórios.

Foi justamente nos espaços mais informais que pude me conectar com as companheiras que deram sentido a esse trabalho, apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), solicitando autorização para gravar as nossas conversas e registrando uma série de outros momentos, impressões gerais e sentimentos em diários de campo. Legalmente, após um período de armazenamento de cinco anos, as entrevistas serão descartadas, entretanto ficará para sempre a experiência e o aprendizado. Assim, a partir desses encontros, um mundo de sentidos e possibilidades brotaram, sendo este texto uma tentativa de simbolizar em palavras os mundos e as vivências de lideranças femininas de assentamentos e acampamentos que compõem a regional baixo-sul do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do estado da Bahia.

Essas lideranças tem cor, idade, lugar no mundo: são seis mulheres autodeclaradas pretas, dentre elas duas jovens, sendo que uma delas nos contou ser remanescente de quilombos, três adultas e uma idosa, que dedicam e dedicaram suas vidas a construir a reforma agrária popular, aliando no seu cotidiano a luta de classes à de gênero, afinal “a luta feminista não é por uma inspiração feminina, mas ela

surge no seio da luta de classes e é, portanto, o fruto da própria luta.” (Witcel, 2020, p. 37), somada às questões de raça, visto que Vanessa Lazzaretti (2021) destaca o entrelaçamento entre as relações de opressão e exploração, sendo estas transversais a todas às relações sociais.

Visando respeitar a identidade das participantes, visto que trataremos de experiências pessoais e, por vezes, delicadas, elas serão nomeadas aleatoriamente com nomes de plantas utilizadas para realizar uma forma de cuidado tão comum a todas: o uso de chás. À vista desses aspectos, as conversas, iniciadas quase sempre de maneira informal ou fruto do desejo de saber mais sobre determinadas mulheres que davam voz a seus planos, insatisfações e desejos nos momentos de discussão de tarefas das regionais ou em conversas descontraídas, trouxeram à tona as experiências de mulheres, que são concomitantemente mães, militantes, lideranças e pessoas com desejos e ambições próprias, formadas enquanto sujeitos pelo MST, sendo o acesso à educação um dos pontos mais evidenciados nas nossas conversas:

“O MST foi quem abriu as portas pra mim e me deu a oportunidade de estudar.” (Camomila)

“Quando a gente chega no movimento enfrenta algumas dificuldades né, mas muda nossa realidade enquanto pessoa, que nos torna sujeitos dignos de viver na sociedade.” (Erva-cidreira)



Erva-cidreira evidenciou a importância do movimento para toda sua família ao relatar que quatro das suas irmãs tiveram acesso ao ensino superior a partir de oportunidades ofertadas pelo MST, ressaltando, assim, o compromisso que todas elas assumem enquanto sem-terras de contribuir para a construção e o fortalecimento do projeto da reforma agrária, nos marcando fortemente ao nos dizer muito emocionada e feliz após um dia intenso de reuniões e tomadas de decisões que “o preço da terra é a luta”.

Corroborando com essas experiências, Fábio Henrique Araújo Martins (2006) nos diz:

A passagem de uma situação de isolamento, medo, miséria, ameaça em que se vivem milhares de “sem terra” espalhados pelo país; para a condição de “Sem-Terra do MST”, promove uma transformação produtora de “sujeito irreverentes”, novos sujeitos coletivos de Direitos, que assumem coletivamente a condição de construtores de seu próprio destino humano e social, de sua história. “De miserável a pobre” essa mudança imediata na vida das pessoas, gera confiança e autonomia, o futuro então, pode ser sonhado. Quando alguém entra no Movimento Sem-Terra passa a ter a oportunidade de viver de outra maneira. (Martins, 2006, p. 2)

A partir dessa perspectiva de vida e dos relatos, conseguimos perceber que todas elas exercem ao menos duas funções organizativas dentro do MST, sendo que Camomila e Lavanda estavam à época comprometidas com três cargos, dentro os quais a última assume a posição de primeira mulher presidenta do assentamento após mais de duas décadas de existência do mesmo, e quando



questionada sobre as dificuldades de assumir essa posição de liderança ela não pensa um segundo ao responder que o machismo é a principal barreira, visto que elas são vistas como sujeitos que agem apenas pela emoção e por isso não tem condições de assumir um cargo de poder como aquele, associando assim fraqueza ao que corresponde ao feminino:

“Uma responsabilidade e dentro dessa responsabilidade muitos já lhe olham meio atravessado, ihh e os homens que é acostumado mandar (...) Eles acham que nós somos sexo frágil, é isso é aquilo.”

E ela reforça:

“A gente sempre tenta falar mais alto do que eles pra eles saberem, né? (...) Mas a gente tenta manter o equilíbrio também pra eles não verem porque quando veem a gente tremendo na base começa a pegar pesado. Como diz o povo: quando tá perto dos homens tem que manter o nariz em pé.”

Nesse sentido, é perceptível a contribuição do modelo social de vida masculinizado para a subjugação da mulher e a forma como as relações territorializadas perpetuam essa cultura machista (Valadão, Franciele, 2014), visto que as lideranças ainda apontam a dificuldade de mulheres assumirem os cargos de liderança em virtude do medo do marido, do julgamento da comunidade ou por não se sentirem aptas a se responsabilizar pelos compromissos

inerentes aos cargos:

“Na hora de assumir tarefa, é contada as mulheres que assumem. Sem contar que os companheiros também, né? A gente não sabe o que acontece em casa, né? (...) Tem uns que olha logo ali atravessado, na hora que tá ali junto conosco diz que a mulher pode fazer isso, tem que fazer isso, mas quando chega em casa com sua esposa é totalmente diferente.” (Lavanda)

Entretanto, apesar dos empecilhos ainda presentes na participação feminina nos cargos de gestão, o cenário tem mudado muito ao longo dos anos, visto que “De acordo com seus princípios organizativos, o MST busca avançar na discussão no que diz respeito aos direitos das mulheres e garantir a equidade de gênero nos espaços de direção do movimento em todas as escalas” (Valadão, Franciele, 2014, p. 4), tendo o Setor de Gênero e Paridade de Gênero, já citados anteriormente, como molas propulsoras dessa mudança em conjunto com o acesso à informação, a legitimação de suas vivências e, conseqüentemente, o empoderamento:

“Nesse momento a gente já pode dizer que sim, que tem uma participação ativa mesmo das mulheres. Até um tempo a gente não via isso, as mulheres contribuía de fato, mas porém não aparecia nos debates, não levava de fato pro centro das atenções a participação ativa das mulheres.” (Erva-Doce)

“Mas esse é um tabu que a gente vem aí dialogando em todas as assembleias... antigamente as mulheres nem queriam ir para a assembleia. (...) mas a gente vem dizendo que a mulher que não vem para assembleia e não assina a ata, porque a ata é um documento, né? a gente tem falado ‘a assinatura do seu marido não serve pra você’. Essa é uma discussão que o movimento vem fazendo já faz muito tempo e que as mulheres elas têm participado mais. Agora em relação a assumir os cargos... isso ainda é um gargalo, das mulheres do assentamento que não tão aí na militância, porque muita dificuldade, limitação de falar, de tá ali na frente e dizer ‘eu que to determinando isso’. Mas aos poucos a gente vai aí nesse trabalho de formiguinha pra tentar, mesmo sabendo que algumas tem aquela resistência muito grande. Sempre pra gente tá dialogando isso e sempre dando a mulher o espaço da fala, o incentivo que ela precisa tá ali, que ela precisa participar, porque a gente não pode deixar que o homem faça para nós o que a gente pode fazer.”  
(Erva-Cidreira)

É importante ressaltar que a contribuição feminina existe desde sempre no movimento, visto que devido à divisão sexual do trabalho, mesmo que não ocupassem os cargos de gestão, geriam o cuidado da família e da comunidade, além de garantir a alimentação, sendo a mulher então “a peça principal do plano de ação para ambientes saudáveis.” (Barros; Oliveira do Ó, 2018, p. 366), possibilitando assim que o processo direto de luta acontecesse:

“Desde a época de acampamento, na beira da pista, as mulheres se fizeram presentes e atuantes de fato. Seja no processo de garantir meios de alimentação, de construir meio de garantir que as crianças permanecessem vivas na beira da pista, enquanto aconteciam todos os processos da luta que a gente sabe que os homens geralmente não fazem esse papel de tá ali cuidando das crianças, cuidando da alimentação de todo mundo, essas questões mais da família.” (Erva Doce)

A partir dessa nova configuração, as mulheres então passam a ocupar, junto ao papel de cuidado já exercido por elas, inúmeras funções dentro do processo organizativo do movimento, além das atividades já desempenhadas no lote, visto que como aponta Vanessa Lazzaretti (2021) é preciso garantir o protagonismo das mulheres nos espaços de poder, mas para além disso é preciso mudar a forma como esses espaços se configuram, visto que eles foram primordialmente construído POR e PARA homens, resultando dessa forma na dupla jornada de trabalho e, conseqüentemente, a sobrecarga e o esgotamento, visto que os homens não passam a desempenhar concomitantemente as funções referentes ao cuidado da família, assim “para participar dos encontros, elas se sobrecarregam de trabalho, deixando pronto o máximo que podem antes de deixar a casa e, quando voltam, têm de fazer todo o trabalho que não executaram durante sua ausência” (Brito, 2021, p. 79):

“Sua mente fica uma bomba relógio, muitas funções e a gente tem que conciliar tudo: casa, comida, trabalho e é uma coisa que você fica ao mesmo tempo... Algum vai ficar em falta, mas você dá o melhor de si pra não acontecer, mas nunca faz aquilo 100% porque sabe que não consegue. E aí quando toca o psicológico fica aquele turbilhão porque você fica tipo ‘ah eu tenho que fazer isso, ah tenho que dar conta disso.’ Pra tá aqui passamos a semana inteira na escola preparando as atividades.” (Lavanda)

Frente a essa realidade, nos questionamos: quais seriam as saídas possíveis para a superação desses problemas? Certamente não seria o afastamento das mulheres das posições de poder, mas pensamos que o caminho começa na partilha das tarefas, na responsabilização dos atores envolvidos e imediatamente no cuidado com essas lideranças. Assim, fica evidente na fala de Alecrim que o MST já percorre esses possíveis caminhos ao propor uma série de mobilizações que tem como público-alvo não somente as mulheres, mas que exigem a presença masculina e ressaltam o papel do homem no processo de conscientização frente às repercussões do patriarcado nas relações vivenciadas nos contextos familiares, comunitários ou de luta:

“Nós forjamos espaços para debatermos sobre. Então o mês de março, principalmente, é o mês considerado o mês vermelho, o mês da jornada de luta das

mulheres. Não somente paramos ali, então é um projeto que a gente para pra gente pensar e dar continuidade durante todo o ano. Estamos no processo de construir rodas de conversa inclusive com assentadas e assentados, né? Entendendo que o processo de gênero é um momento de via dupla, não somente trazendo a mulher pro debate, mas trazendo os dois pro debate.” (Alecrim)

Nesse sentido, as reverberações dessa sobrecarga são muitas, visto que “a mulher do campo participa ativamente do processo de escuta, execução e enfrentamento dos obstáculos pertinentes ao âmbito coletivo e individual” (Barros, Mariana; Oliveira do Ó, Débora, 2018, p.366), tendo sido relatado por elas um aumento significativo das questões relativas à somatização dos processos de saúde mental, principalmente àquelas que assumem múltiplas posições de liderança, seja no âmbito institucional da organização ou frente aos afazeres e gerenciamento das questões domésticas, levantando questionamentos fundamentais a serem feitos pelo movimento de como produzir outros modos de ocupar esses espaços que não tragam sobrecarga e adoecimento, visto que Erva-Cidreira nos relata:

“Isso é um outro gargalo que o movimento tem pecado muito. O movimento tem muito se preocupado com as questões organizativas, mas não tem se preocupado com quem está organizando” (Erva Cidreira)

Em contrapartida, Alecrim destaca que durante a

pandemia do COVID-19 passou por uma série de crises de ansiedade, culminando numa série de episódios depressivos, mas teve do MST e da família todo o suporte psicológico para enfrentar esse momento, além de destacar para si mesma a importância de entender que, como todo ser humano, por vezes precisamos encontrar coragem na pausa:

“Pra mim foi muito difícil, em alguns momentos eu pirei, tive que fazer alguns acompanhamentos psicológicos. Inclusive o nosso movimento se colocou à total disposição, e não só a fala, mas falaram ‘Oh tem um psicólogo aqui disponível’. E é necessário que a gente reconheça isso que não somos mulheres maravilhas, eu queria ser (risos), mas essa é a verdade, nós não somos mulheres maravilhas, nós somos seres humanos e precisamos de ajuda” (Alecrim).

Entretanto, é importante destacar que o acesso ao cuidado e aos serviços de saúde precisam ser vistos por uma perspectiva que problematize a disparidade entre a oferta de saúde no campo e na zona urbana, sendo essa falta de cobertura no que tange ao cuidado à saúde mental um aspecto muito complexo para que seja resumido a uma responsabilização por parte do MST, que na verdade luta justamente para que esse e outros direitos sejam garantidos a população do campo, visto que segundo Barros e Oliveira do Ó (2018):

no campo, a desigualdade na distribuição de terras, a ausência de saneamento básico, o acesso aos serviços de saúde e o acometimento dessa população por doenças relacionadas à condição camponesa destacam um cenário crítico e alertam para a necessidade de visualizar as especificidades desse povo. (p. 366)

Concomitantemente, a dificuldade de acessar os serviços de saúde se destacam nas falas de Lavanda: “Um sufoco pra ser atendido no posto, infelizmente nem dá gosto você ir, porque você vai pra ser atendido, aventurar uma ficha uma vez no mês.”

Dessa forma, em paralelo a isso, uma série de formas de cuidado não hegemônicas são cultivadas pelas assentadas, como caminhar pela mata, cultivar suas plantas, fazer o uso de chás que elas mesmo plantaram nos seus quintais ou a anciã da comunidade recomendou, sendo esse “um saber implicado, territorializado, o saber da experiência.” (Brito, Monique, 2021, p. 54).

Há relatos também do uso de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), oficializada pelo Brasil como política de saúde em 2006, que “são tratamentos que utilizam recursos terapêuticos baseados em conhecimentos tradicionais, voltados para prevenir diversas doenças como depressão e hipertensão” (Brasil, 2022) muito utilizadas pelo Setor Saúde do MST como prática de cuidado preventiva ou paliativa, dentre elas a auriculoterapia se destaca como prática muito procurada como nos conta Alecrim:



“Eu comecei a perceber nos espaços que íamos, era o que a nossa militância, que os nossos assentados e assentadas ia atrás no setor de saúde atrás de pontos (de auriculoterapia) pra ansiedade, pra estresse. De dizer “eu to com depressão seu Bolado (figura importante do Setor Saúde no MST da Bahia), que que eu faço?” (Alecrim).

Nesse sentido, compreendemos a existência de uma lacuna no que diz respeito ao cuidado da saúde mental dentro dos espaços de militância, principalmente no que diz respeito às relações de poder que se constituem socialmente, se fazendo necessário priorizar essa pauta dentro dos espaços de discussão do MST, para que dessa forma se construa coletivamente formas de vida e de cuidado. Assim como também, precisa-se dar visibilidade à pauta entre os profissionais de saúde que trabalham com essa população, de modo que esse fazer saúde se implique com a saúde do campo e as particularidades do movimento, como nos diz Alanna Nogueira:

atuar na saúde do campo implica compreender a história que nos constitui como povo e endereçar o sentido para outros âmbitos sociais, políticos, econômicos, coletivos, culturais, entre outros, que marcam processos de subjetivação. Implica considerar a importância das lutas relativas às questões da terra, considerando a saúde biopsicossocial, o fazer coletivo e os saberes populares que são intrínsecos à população, proporcionando, assim, uma construção transversalizada entre conhecimentos acadêmicos e populares. (Nogueira, 2022, p. 34)

## Algumas considerações

Pensado a partir da minha experiência enquanto extensionista do Projeto de Extensão Saúde do Campo em Áreas de Reforma Agrária, das minhas vivências com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e da pesquisa de doutorado da minha orientadora professora Monique Brito, essa pesquisa nos possibilitou compreender que, para além da inserção das mulheres nos espaços de discussão do movimento, é preciso garantir o protagonismo das mesmas, reconstruir coletivamente as significâncias do que é ser uma mulher sem terra ocupando espaços de liderança e construir coletivamente formas de cuidado dentro da militância, visando modificar a estrutura da divisão sexual do trabalho e diminuir a sobrecarga, que repercutem tanto na saúde mental como na física.

Nesse sentido, parafraseando Suely Rolnik (2006, p. 23), esse texto tinha como objetivo, antes de tudo, "dar língua para afetos que pedem passagem", contar histórias junto COM as mulheres que estão na base construindo o Brasil que estamos esperançosos para ver e viver, de modo que nos desprendêssemos dos produtos e nos atentassêmos à investigação puramente vivida, sentida e experienciada.

Encontramos obstáculos no processo, alguns frutos da própria imaginação, outros reais, entretanto, finalmente dar forma de texto acadêmico às nossas experiências vividas me recordou cada abraço naquelas que hoje se encontram em

outra forma de existência, cada movimento de colocar o chapéu vermelho na cabeça, cada palavra de ordem proferida com os olhos cheios de lágrimas e cada arrepio na pele que nos dizia a todo tempo: “tenha esperança”.

Portanto, o que espero e desejo que tenha ficado em você leitora ao ler essas histórias é a esperança e a vontade de lutar, porque a reforma agrária popular está sendo construída e o amor está para vencer o ódio nesse país. Não lhes faço uma anunciação, mas trago-lhes mais das mulheres que fizeram desse plano de trabalho uma possibilidade, acreditaram na vida e abriram caminhos: Gloria Anzaldua, mulher escritora do terceiro mundo, nos diz sou levada a escrever “porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também.” (2000, p. 232) e Aroeira, companheira sem terra que nos deixou para outra jornada recentemente, fala de forma firme e simples, quando lhe pergunto “como sua relação com o movimento social, com as suas lutas fazem de você o que é hoje?”: “Quando a gente coloca a mente pra lutar com o povo, a gente se sente bem, eu me sinto feliz. É isso.”

É isso. E muitos outros issos que podemos construir nesse mundo.

## **Agradecimentos e Financiamento**

As autoras referem que esse trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação Científica (PIBIC - PIBIC AF – 2021/2022). Ademais, muito obrigada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) por sempre compartilharem genuinamente suas vivências, projetos e espaços de formação com os estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

## Referências

ANZALDÚA, G. FALANDO EM LÍNGUAS: UMA CARTA PARA AS MULHERES ESCRITORAS DO TERCEIRO MUNDO. ESTUDOS FEMINISTAS, FLORIANÓPOLIS, v. 8, n. 1, p. 229-236, JAN./JUN. 2000.

DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UFSC.BR/INDEX.PHP/REF/ARTICLE/VIEW/9880](https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880)

BARROS, MARIANA; OLIVEIRA DO Ó, DÉBORA. "CONHECER OS DESEJOS DA TERRA": INTERVENÇÃO DE PROMOÇÃO À SAÚDE EM UM ASSENTAMENTO RURAL. REVISTA APS, BRASIL, v. 21, n. 3, p. 365-374, JUL/SET, 2018. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/INDEX.PHP/APS/ARTICLE/VIEW/16028/8453](https://periodicos.ufpe.br/index.php/aps/article/view/16028/8453)

BONDÍA, JORGE LAROSSA, *NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA E O SABER DA EXPERIÊNCIA*. IN: REVISTA BRASILEIRA DA EDUCAÇÃO, Nº 19, JAN/FEV/MAR/ABR, RIO DE JANEIRO: ANPED, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES (PICS). 2022.

DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.GOV.BR/SAUDE/PT-BR/ASSUNTOS/SAUDE-DE-A-A-Z/P/PICS](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/pics).

BRITO, MONIQUE ARAÚJO DE MEDEIROS. **RETIRÂNCIA-MULHER: UMA EPISTEMOLOGIA NORDESTINA PRODUZIDA COM AS EXTRA-VAGÂNCIAS E ASSENTAMENTOS DA VIDA**. 2021. 199

F. TESE (DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL) – INSTITUTO DE PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, 2021.

CORBANEZI, ELTON. SAÚDE MENTAL, PANDEMIA, PRECARIIDADES: SUBJETIVAÇÕES NEOLIBERAIS. **SOCIEDADE E ESTADO**, v. 38, n. 2, p. e46061, 2023.

FORCHESATTO, RAQUEL; SANTIN, MYRIAN. ESPAÇOS DE PODER NOS ASSENTAMENTOS DO MST: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO. 2017. DISPONÍVEL EM:

[HTTP://WWW.ENSINOSUPERIOR.SED.SC.GOV.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2016/03/ARTIGO-RAQUEL-FORCHESATTO.PDF](http://www.ensinosuperior.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/ARTIGO-RAQUEL-FORCHESATTO.PDF)

LAZZARETTI, VANESSA. **RESSIGNIFICAR PARA RECONHECER: O FEMINISMO CAMPONÊS E POPULAR NO CONTEXTO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)**. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CIÊNCIA POLÍTICA). PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. PORTO ALEGRE, p. 116, 2021. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://LUME.UFRGS.BR/HANDLE/10183/230610](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230610)

MARTINS, FÁBIO HENRIQUE ARAÚJO. SAÚDE MENTAL E DIREITOS HUMANOS EM MOVIMENTOS SOCIAIS: UMA CARTOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NUM ACAMPAMENTO DO MST. IN: XIX ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS/UNESP. ASSIS/SP. ANAIS. ASSIS: UNESP, 2006. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW2.ASSIS.UNESP.BR/ENCONTROSDEPSICOLOGIA/ANAIS\\_DO\\_XIX\\_ENCONTRO/141\\_FABIO\\_HENRIQUE\\_ARAUJO\\_MARTINS.HTM](http://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/141_FABIO_HENRIQUE_ARAUJO_MARTINS.HTM)

MORAES, M. PESQUISARCOM, POLÍTICA ONTOLÓGICA E DEDICÊNCIA VISUAL. IN: MORAES, M.; KASTRUP, V. (ORG.). O EXERCÍCIO DE VER E NÃO VER. RIO DE JANEIRO: NAU, 2010. p. 26-51.

MORAES, M.; TSALLIS, A. C. CONTAR HISTÓRIAS, POVOAR O MUNDO: A ESCRITA ACADÊMICA E OFEMININO NA CIÊNCIA. REV. POLIS E PSIQUE, v. 6, n. 1, p. 39-50, JAN./ABR. 2016. DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.22456/2238-152X.61380](https://doi.org/10.22456/2238-152X.61380).

NOGUEIRA, ALANNA TAYS PITON. **A TRANSPROFISSIONALIDADE E A ATUAÇÃO DE PSICÓLOGAS EM UM PROJETO DE EXTENSÃO DA SAÚDE DO CAMPO EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA**. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (BACHARELADO EM PSICOLOGIA). UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 2022.

PASSOS, EDUARDO; KASTRUP, VIRGÍNIA; ESCÓSSIA, LILIANA DA (HORAS.). PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA: PESQUISA-INTERVENÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE. PORTO ALEGRE: SULINAS, 2015.

QUADROS, L. C. T.; MORAES, M. O.; MELO, M. F. A. Q.; MACHADO, M. N. M.; MIRANDA, S. F. O PESQUISARCOM E O FEMININO NA CIÊNCIA. PESQUI. PRÁT. PSICOSSOCIAIS, SÃO JOÃO DEL-REI, v. 11, n. 1, p. 4-10, JAN./JUN. 2016. DISPONÍVEL EM: [HTTP://PEPSIC.BVSALUD.ORG/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI\\_ARTTEXT&PID=S1809-8908201600010001&LNG=PT&NRM=ISO](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-8908201600010001&lng=pt&nrm=iso)

ROLNIK, S. **CARTOGRAFIA SENTIMENTAL**: TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO DESEJO.  
PORTO ALEGRE: SULINA/EDITORA DA UFRGS, 2006.

VALADÃO, FRANCIELE APARECIDA. AS MULHERES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO TRANSFORMANDO O TERRITÓRIO DO PONTAL DO PARANAPANEMA: ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MILITANTES DO MST NO PRONERA. IN: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS (CBG), 2014, VITÓRIA-ES.

WITCEL, ROSMERI. **A LUTA DO “OITO DE MARÇO” COMO ESPACIALIZAÇÃO EMANCIPATÓRIA DO DEBATE FEMINISTA NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)**. 2020. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE). UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE - TERRITÓRIAL, SÃO PAULO, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REPOSITORIO.UNESP.BR/HANDLE/11449/192084](https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192084)